

Cinema e ensino de História: impressões sobre formação, rotinas e práticas de professores.

Lara Rodrigues Pereira¹

Resumo: O texto a seguir trata do uso de filmes em sala de aula para o desenvolvimento do ensino de História. A pesquisa, realizada com professores da rede Municipal de ensino de Florianópolis em 2011, divide-se em dois segmentos: compreender o lugar ocupado pelo cinema na formação acadêmica dos entrevistados e, os usos que estes fazem de filmes em sua prática docente. O artigo foi baseado em recortes de suas falas levando em conta procedimentos da metodologia da História Oral.

Palavras-chave: Cinema, sala de aula, ensino de História

Abstract: The following text deals with the use of films in the classroom to promote teaching of history. The survey, conducted with teachers of the Municipal Network Florianópolis teaching in 2011, is divided into two segments: understand the place occupied by the cinema in the academic education of respondents and the uses they make films in their teaching practice. The article was based on clippings from his lines taking into account the procedures of oral history methodology.

Keywords: Cinema, class, history teaching

Este artigo é recorte de pesquisa que deu origem à dissertação de mestrado, cursado na Universidade do Estado de Santa Catarina, cujo mote era compreender a maneira como os filmes (comerciais e sem pretensões didáticas) são utilizados em sala de aula. No intuito de entender melhor os usos e apropriações do cinema para o desenvolvimento do ensino de História, recorri aos principais atores deste processo: os professores. Os eleitos para o desenvolvimento de minha pesquisa foram professores da disciplina de História, lotados na Secretaria municipal de Educação de Florianópolis, Santa Catarina. A escolha não seguiu nenhum critério específico, pois minha intenção era apurar as práticas relacionadas ao uso de

¹ Doutoranda em Educação no PPGE- UFSC, bolsista CAPES, e mail: lararp81@gmail.com

Cinema e ensino de História: impressões sobre formação, rotinas e práticas de professores.

filmes em sala de aula, para tanto, aleatoriamente, selecionei sete professores que atuam no Ensino Fundamental do referido município.

Abaixo reuni algumas informações sobre os entrevistados, de maneira a tentar traçar um perfil não apenas profissional, mas que compreenda algumas de suas particularidades, pois desta forma é possível compreender também algumas de suas escolhas profissionais. Seus nomes reais foram preservados pelo uso de pseudônimos expostos no quadro a seguir.

Quadro de caracterização dos entrevistados

Nome	Faixa Etária	Período Graduação	Universidade	Pós-Graduação	Tempo de Serviço
Mirtes Arantes	42 anos	Anos 80-90	UFSC	UFSC	18 anos
Adamastor Russo	46 anos	Anos 80	UDESC	UDESC	25 anos
Luís Felipe	43 anos	Anos 90	UDESC	UFSC	20 anos
Guilherme Malatesta	46 anos	Anos 80-90	UDESC	não	24 anos
Giovani Alencar	28 anos	Anos 2000	UFSC	UEPG (em curso)	5 anos
Marina Amaro	29 anos	Anos 2000	UFSC	não	6 anos
Galileu Dos Santos	42 anos	Anos 90	UFSC	não	20 anos

Através das falas dos entrevistados consegui aferir uma diversidade de questões que somadas acabam por caracterizar suas ações, concernentes à incorporação da linguagem cinematográfica às aulas de História. O acesso a estas práticas se deu através de suas memórias, “pois, a memória, em seu sentido polissêmico, favorece a experiência vivida, o acontecimento vivido, o fato, o ato.”²

Recorri à História Oral como metodologia de pesquisa neste capítulo, por entendê-la como resposta para questões relativas ao desempenho dos professores em sala de aula, pois, percebi uma lacuna (na bibliografia existente) afeita a investigação de suas práticas na consolidação do trabalho com recursos audiovisuais. No decorrer deste texto apresentarei recortes das respostas dadas pelos entrevistados para as questões por mim lançadas. No

² ZAMBONI, Ernesta (Org.). **Digressões Sobre Ensino de História**. Razão Histórica e Memória. Itajaí: Maria do Cais, 2007

terreno arenoso da análise dos depoimentos pretendo afirmar meu respeito por suas escolhas, ações e, sobretudo, por suas visões de mundo. “Essa visão de mundo que norteia seus depoimentos e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados”³.

Os estudos através da oralidade rendem-se ao âmbito subjetivo da experiência humana. Sendo assim, mesmo que atuem na mesma instituição de ensino e tenham sido formados pela mesma universidade dois professores tratarão sua rotina de trabalho de maneiras distintas, pois suas leituras estarão diretamente ligadas a sua percepção e memória. E são essas impressões e práticas individuais que busco aferir aqui, pois a partir delas são construídas as práticas coletivas.

O Cinema e Aspectos da Formação Acadêmica dos Entrevistados

Ao propor uma investigação a respeito da presença da linguagem cinematográfica na formação acadêmica dos entrevistados minha intenção não é questionar currículos ou mesmo a formação oferecida pelas Instituições onde se graduaram. Pretendo, com isso, apenas compreender de que maneira estes profissionais, quando estudantes, foram preparados para lidar com este recurso em sua prática. Entendo que “os conhecimentos profissionais são evolutivos e progressivos e necessitam, por conseguinte, de uma formação contínua e continuada”⁴, entretanto, identifico na formação inicial o grande legado teórico para qualquer profissional. Desta forma minha intenção, aqui, será apenas apurar na fala dos entrevistados suas impressões a respeito da formação que receberam, quando universitários, sobre o cinema.

Em poucos depoimentos apurados pude verificar indicações de filmes que os entrevistados assistiram durante a Universidade e que agora passam para seus alunos. O filme *A guerra do Fogo*⁵ do cineasta Jean Jacques Annaud, lançado em 1981, é um exemplo de título cinematográfico que povoou a vida acadêmica de dois entrevistados e que entrou no espaço profissional de pelo menos um deles, conforme depoimento abaixo.

³ ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

⁴ TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 13, p 5-24, abr. 2000. Acesso em: 13/01/2013.

⁵ **A GUERRA** do Fogo. Direção de Jean-Jacques Annaud. França: ICC. 1981 (100 min.) DVD colorido.

Cinema e ensino de História: impressões sobre formação, rotinas e práticas de professores.

Aquele filme da pré-história *A Guerra do Fogo*, foi um que eu vi a primeira vez na Universidade e hoje eu passo para os meus alunos⁶

Quando fiz história os nossos professores, alguns deles, já nos levavam pra esse meio. Alguns filmes a gente tem em mente da época em que fez algumas disciplinas. Eu lembro na época, a primeira vez que assisti *A Guerra do Fogo* foi na universidade e também *O Nome da Rosa*^{7,8}.

A pré-história é um período que não costuma ser retratado no cinema com tanta frequência como a Idade Média ou Moderna. Existem alguns documentários, sobretudo vinculados a canais como *Discovery Channel* ou *History Channel* sobre o assunto. Mas, longas metragens sobre o tema são poucos e talvez por isso, *A guerra do Fogo*, filme de ficção histórica lançado há mais de trinta anos ainda figure como escolha para o professor.

Percebi na fala dos entrevistados que não houve uma preparação específica, em suas graduações, para a leitura sistematizada de recursos como o cinema e seus possíveis usos em sala de aula. Isso ocorreu, possivelmente, em decorrência da maioria dos entrevistados terem frequentado os bancos universitários a cerca de vinte anos, mas mesmo os que frequentaram a Universidade nos anos dois mil sentiram tal deficiência em suas formações, conforme aponta depoimento do professor Giovani.

Infelizmente, a grade de disciplinas da UFSC pouquíssimo contempla o Cinema como Fonte Histórica. É quase nula a sua utilização. O Cinema sempre me favoreceu no particular. Sempre que possível acompanhei alguns temas através de filmes. Na formação acadêmica driblei essa ausência cursando algumas disciplinas do curso de Cinema da UFSC. Essa passagem ficou, dessa forma, registrada em meu Histórico Escolar. Hoje faço Especialização pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e o cinema é tema de meu Trabalho de Conclusão.⁹

⁶ RUSSO, Adamastor. Op. Cit., 11/06/2012

⁷ **O NOME** da Rosa. Direção de Jean-Jacques Annaud. Itália: Warner Home Video 1986 (118 min.) DVD colorido.

⁸ SANTOS, Galileu dos. Op., Cit., 21/06/2012

⁹ ALENCAR, Giovani. Entrevista concedida a Lara Rodrigues Pereira em 20/06/2012.

Giovani é um jovem professor que se graduou em 2008 e que buscou sanar as deficiências curriculares de sua graduação, em relação a linguagem cinematográfica associada à História, assistindo a aulas do curso de graduação em Cinema. A professora Marina, contemporânea de Giovani na Universidade Federal de Santa Catarina, também afirma que em sua formação acadêmica recursos cinematográficos foram pouco utilizados.

Em minha graduação o contato com produções cinematográficas foi muito pequeno, tanto nas disciplinas da História quanto nas disciplinas específicas da Licenciatura.¹⁰

O professor Luís que cursou História na UDESC na década de noventa, também afirma que o cinema não esteve muito presente em sua formação acadêmica.

Na formação acadêmica eu lembro que assisti a poucos filmes.¹¹

O currículo da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, atualmente contempla recursos audiovisuais associados à formação docente por meio de disciplina específica intitulada Imagem e Som, que foi incluída na grade curricular muito depois dos entrevistados terem se graduado. “Desde 2005 o Laboratório de Imagem e Som vem apoiando sistematicamente as disciplinas de Imagem e Som I e II implementadas a partir da nova matriz curricular do curso de História/UDESC.¹²” De acordo com informação extraída do site do Laboratório de Imagem e Som, um dos objetivos curriculares destas disciplinas seria “capacitar os alunos a utilizarem recursos audiovisuais em sala de aula de forma dinâmica¹³”. Com base nisso observamos sensíveis mudanças correlatas à formação inicial dos futuros professores de História da UDESC, pois, “as experiências curriculares contemporâneas apresentam conteúdos que fazem parte da

¹⁰ AMARO, Marina. Op. Cit., 10/05/2012.

¹¹ FELIPPE, Luís. Op. Cit., 21/05/2012.

¹² <http://www.lis.faed.udesc.br/> acesso 13/01/2013.

¹³ http://www.lis.faed.udesc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=50 acesso 13/01/2013.

Cinema e ensino de História: impressões sobre formação, rotinas e práticas de professores.

chamada cultura comum, permitindo ao aluno igualdade de acesso ao que há de mais universal nas produções do pensamento humano”¹⁴.

No caso da Universidade Federal de Santa Catarina, a reforma curricular operada em 2007 trouxe para a formação dos estudantes do curso de História um contingente maior de disciplinas voltadas ao ensino. No que diz respeito aos recursos audiovisuais, entretanto, percebe-se grande número de disciplinas oferecidas apenas como optativas, ao contrário do que ocorre com a UDESC, que possui ao menos duas obrigatórias. Mesmo assim, é possível perceber mudanças que contribuirão para a transformação dos professores, lá formados, afeitas as possibilidades de uso de recursos audiovisuais no ensino de História.

A aprendizagem histórica não se dá apenas pela História ensinada na escola, muito além disso, a apreensão destes conhecimentos deriva também da experiência vivida, daquilo que ajuda a nortear nosso olhar sobre a História, como os filmes. Portanto a instrumentalização, atualmente fornecida aos graduandos de UDESC e UFSC, para o trato com estes recursos refletirá em sensíveis mudanças na aprendizagem de seus futuros alunos. Neste ponto a fragilidade da formação dos professores entrevistados, em relação à apropriação e aos usos de recursos audiovisuais em sala de aula, pode provocar imprecisões quando vierem a associar tais recursos a sua prática.

Na formação acadêmica, na verdade não me lembro de ter tido muito contato com o cinema... Por que inclusive o laboratório de audiovisual da História foi feito depois que eu saí da Universidade, então na minha graduação não tinha esses espaços. ...¹⁵

No trecho acima a professora Mirtes também afirma não ter frequentado nenhuma disciplina que versasse sobre a leitura de imagens, fotografias, cinema na História ou mesmo alguma preparação específica para a utilização destes recursos em sala de aula. Mirtes é egressa da Universidade Federal de Santa Catarina onde graduou-se (licenciatura e bacharelado) na década de noventa do século passado. Em seu depoimento afirma que em muitas situações a busca pela compreensão da associação entre filmes e História era feita por conta própria, sem maiores participações dos professores. Vivemos em um mundo dominado pelas imagens e mesmo

¹⁴ FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História**. São Paulo: Papyrus, 2005.

¹⁵ ARANTES, Mirtes. Op. Cit., 12/04/2012

vinte anos atrás isso já era uma realidade, apesar de tal aspecto ter sido, aparentemente, negligenciado na formação de algumas gerações de professores de História.

Na década de trinta do século passado o pesquisador Jonatas Serrano, a sua maneira, já demonstrava preocupação com os eventuais usos e abusos do cinema associado às aulas de História. Embora tecesse uma crítica considerada, atualmente, datada, Serrano exercitava a reflexão sobre a importância das imagens para o desenvolvimento do ensino de História. Reflexão esta, ao que tudo indica não muito privilegiada na formação inicial dos professores de História que entrevistei.

na formação acadêmica foi uma coisa mais ilustrativa, não teve uma matéria ou um professor que voltasse a aula com o foco no cinema. Mas, naquela época já se discutia um novo currículo e eu lembro que alguns professores que estavam entrando na UDESC já tinham toda uma preocupação com a questão da história das mentalidades que estava muito presente. A influência da história das mentalidades e o currículo já tinha um olhar mais atento sobre essa questão da arte e a história, mas, na minha formação acadêmica o que houve de filmes, teve alguns, mas foi mais como uma ilustração mesmo.¹⁶

No recorte acima o professor Guilherme, que cursou a Universidade do Estado de Santa Catarina no fim da década de 1980 e início de 1990 revela que mesmo com os esforços de alguns professores os filmes que assisti eram utilizados como mera ilustração. Não era reconhecido naqueles filmes o potencial de documento, portanto sua função em uma aula era apenas ilustrativa e não analítica. A análise dos aspectos relacionados à produção dos filmes, o que mostravam em suas narrativas, como eram construídas, em que período foram feitos e o que acontecia naquele tempo, quem os dirigiu e produziu, quais suas intenções comerciais e políticas? Enfim, os questionamentos que normalmente se faz a qualquer documento escrito não foram contemplados, em suas trajetórias acadêmicas, quando o assunto era um documento audiovisual. Estes aspectos serão relevantes para a concretização de atividades, que venham a desempenhar em sala de aula, associadas não só ao cinema, mas a recursos audiovisuais de todo o tipo, pois, seu repertório para o uso destes, em suas formações iniciais, não foi

¹⁶ MALATESTA, Guilherme. Op. Cit., 21/05/2012

Cinema e ensino de História: impressões sobre formação, rotinas e práticas de professores.

tão consistente comparado ao proporcionado na formação atual de seus pares.

Os Usos do Cinema no Ensino de História

As escolhas dos professores a respeito dos filmes vinculados as suas aulas são muito diversificadas. Encontrei relatos de profissionais que preferem utilizar documentários a usar filmes ficcionais. As preferências neste caso são explicadas pelo fato de que longas metragens são, sem maiores trocadilhos, muito longos, não cabendo nas estruturas de tempo demarcadas por quarenta e cinco minutos de cada aula. A opção por particionar os filmes é muito usada, ou seja, quando não dispõe de aula faixa (uma aula após a outra) o professor divide o filme em duas ou mesmo três aulas. Curiosamente o recurso de edição com o intuito de utilizar apenas um fragmento, quando ficcional, não é muito citado nos depoimentos. A edição para recortar documentários aparece na fala da professora Mirtes.

Eu faço um recorte, meu mesmo, de *Arquitetura da Destruição*¹⁷ que mostra o discurso nazista, mas, mais por causa dos documentos para eles verem como eram construídos os discursos. Para eles visualizarem também, tem tanto a parte do discurso médico higienista, quanto os documentos de época, tem filme de época, tanto a relação deles com os documentos quanto a construção deste discurso...¹⁸

Neste trecho a professora entrevistada ao citar o filme *Arquitetura da Destruição* aponta para duas questões importantes para a concretização do Ensino de História. A primeira delas é sua preocupação com a explicação do Discurso médico-higienista durante o nazismo na Alemanha. A segunda seria sua preocupação em mostrar a seus alunos documentos da época e filmes da época (que também pertencem à categoria de documentos), mostrados no documentário.

O documentário *Arquitetura da Destruição* ganhou notoriedade por traçar os antecedentes do nazismo não só mostrando as teorias pregadas pelo nacional socialismo, mas suas origens. O uso de trechos deste pela

¹⁷ **ARQUITETURA** da Destruição. Direção de Peter Cohen. Suécia: SVT Drama. 1989 (119 min.) preto e branco.

¹⁸ ARANTES, Mirtes. Op. Cit., 12/04/2012.

professora Mirtes demonstra sua preocupação em apresentar a seus alunos os motivos que levaram a Alemanha a embarcar na onda nazista. Essa pode ser considerada uma escolha muito interessante, pois existem vários filmes disponíveis sobre a Segunda Guerra Mundial, mas a maioria destas narrativas mostra o decorrer do conflito com muita ênfase para o Holocausto, o que pode tornar a compreensão do processo inteiro que levou a deflagração da guerra e suas terríveis consequências algo muito abstrato para os alunos.

Mirtes afirma que não costuma usar muitos filmes em sala de aula, mas associa *Arquitetura da Destruição* com um filme dramatizado chamado *Filhos da Guerra*¹⁹, que mostra as consequências das perseguições religiosas sob a ótica de crianças.

uso um que, é sobre a Alemanha, que trabalha bastante o discurso nazista, que é o *Filhos da Guerra*. É um romance que tem um menino e eles gostam, mesmo sendo legendado, conseguem acompanhar, é praticamente um romance...e aí, é o único filme, acho, que eu uso todo²⁰

Mirtes revela que, utiliza os dois filmes, *Filhos da Guerra* e *Arquitetura da Destruição* seguidos, com o objetivo de estabelecer duas abordagens sobre os mesmo evento. Ela observa que o documentário é mais denso e por este motivo prefere recortá-lo, enquanto o filme ficcional costuma agradar tanto aos seus alunos que o assistem mesmo legendado. Com este procedimento Mirtes contempla as diretrizes do PCN, pois usa dois filmes com pontos de vista diferentes com o intuito de abordar o mesmo tema de forma mais abrangente.

e aí eu passo os dois seguidos. Às vezes, mesmo sendo aula faixa não dá tempo e continuamos na outra aula... ano passado deu super certo, foi bem legal no final. Com *Arquitetura da Destruição* eu já tenho que fazer um recorte maior, resumir mais ainda, por que ficou meio cansativo para mim e para eles uma vez que passei inteiro, como eu passei em seguida do *Filhos da*

¹⁹ **FILHOS** da Guerra. Direção de Agnieszka Holland. Alemanha: Spectra Nova. 1990 DVD (112 min.) colorido

²⁰ ARANTES, Mirtes. Op. Cit., 12/04/2012

Cinema e ensino de História: impressões sobre formação, rotinas e práticas de professores.

Guerra, então esses cuidados que eu tenho que ter, apesar de eu não passar muitos filmes²¹

O fato de serem duas linguagens diferentes, um filme é documentário e outro é ficcional, a associação dos dois recursos pode ser extremamente salutar para uma maior compreensão, por parte dos alunos, das intenções e espólios do nazismo. Mas, ambas as narrativas funcionam melhor se problematizadas de forma que o aluno não fique com a impressão de que o documentário representa a verdade e que o filme de ficção não. Não constam, nas falas de Mirtes, duas informações importantes sobre *Filhos da Guerra*: trata-se de filme baseado em fatos reais e a trama se passa, sobretudo, na Polônia invadida pela Alemanha. Explicar que os dois documentos foram produzidos, montados, editados por uma equipe técnica é importante, assim como fazer uma apresentação prévia a respeito das origens da obra artística, o que não aparece na fala da professora. Isso ocorre, talvez, pelo fato de Mirtes não tratar o filme, seja documentário ou ficção, como documento e sim como apenas um meio de ilustrar fatos ou eventos históricos.

Apesar de não ter muito tempo para usar filmes em sala de aula, Mirtes afirma que gosta muito de utilizar o filme *1492, A Conquista do Paraíso*²² de Ridley Scott, lançado em 1992. Este é dos filmes mais citados pelos professores de história que entrevistei, sempre aparecendo como uma escolha natural para tratar o tema Descobrimento da América e grandes navegações.

Uso também o *1492*, mas, eu divido ele em três partes, eu não passo ele seguido por que não dá tempo, eu divido. Primeiro aparece a formação da Espanha e, depois só a parte da viagem e nem sempre eu uso a parte que vem depois, a colonização. Gosto muito da parte da viagem, então geralmente eu uso essa parte com eles, por causa da imagem, muito nesta perspectiva de construir com eles uma imagem. Eles estão conscientes de que é um filme, mas estão construindo uma imagem, por que, quando eu quero fazer alguma relação, busco aquela imagem na cabeça. Lembra da caravela? Que tinha tal coisa, aquela hora que eles estavam se localizando pelas estrelas? Então,

²¹ ARANTES, Mirtes. Idem.

²² **1492**, A Conquista do Paraíso. Direção de Ridley Scott. EUA: Paramount 1992, DVD (150 min.) colorido.

para eles terem de onde buscar uma referência para depois trabalhar com texto²³

No trecho acima a professora afirma que opta por dividir o filme em três partes para poder encaixá-lo em suas aulas. Mas, aponta grande preferência pela parte intermediária da trama que trata das viagens de descobrimento, das grandes navegações, temas muito frequentes nos currículos do ensino fundamental brasileiro.

Esta construção imagética funcionaria, na perspectiva da professora, como uma lembrança visual de um assunto, que se fixada nas memórias dos alunos, através da imagem enxertada pelo filme, poderia ser rememorada sempre que necessário. Isso fica evidente quando afirma que quando quer fazer alguma relação busca a imagem necessária na cabeça do aluno. Mas, aqui talvez tenhamos encontrado um nó na fórmula utilizada pela professora, pois, as memórias guardam imagens, fatos, eventos, de maneiras diferentes. Talvez um aluno lembre-se da viagem nas caravelas associando-as a localização geográfica dos navegadores pelas estrelas, mas outro aluno quando ouvir a palavra caravela pode lembrar-se apenas da escassez de alimentos naquela embarcação ou das péssimas condições de higiene lá existentes. Enfim, as imagens que cada um construirá em sua cabeça passam por processos seletivos de suas memórias.

Ainda no excerto do depoimento de Mirtes, acima descrito, podemos perceber que ela costuma casar o uso de filmes, quando os usa, com recursos textuais, sejam eles extraídos de livros didáticos ou não. O uso de fontes diversificadas para a abordagem de um tema em História é muito importante, pois desta forma é possível apresentar para o aluno formas diferentes de se contar uma passagem história. A partir disso a habilidade de decodificar diferentes formas de narrativa histórica pode se desenvolver, tornando os alunos mais aptos a compreenderem diferentes tensões através de diferentes documentos.

O professor Galileu que afirmou ter problemas em usar filmes no ensino fundamental diz que no ensino médio os utiliza com muita frequência. No trecho a seguir relata suas escolhas, sendo que seu método consiste basicamente em apresentar o filme e depois passa-lo a seus alunos, fazendo, durante a apresentação, as intervenções necessárias.

Acho que é uma maneira bem tranquila de os alunos visualizarem aquilo que a gente está tentando explicar para eles, é um jeito de jogar eles pra dentro deste

²³ ARANTES, Mirtes. Op. Cit., 12/04/2012.

Cinema e ensino de História: impressões sobre formação, rotinas e práticas de professores.

universo. Uso esse material no ensino médio que é bem diferente. Ensino médio eu basicamente uso mais o filme do que o livro didático. Primeiro falo do tema, faço uma pequena introdução, vou passando trechos, paro, pauso, explico e eles vão se inteirando, depois na sala, abro o livro em cima de um tema que a gente viu no filme e trabalhamos e os alunos querem mais, sempre querem mais filmes. Então é assim...²⁴

Outro ponto chave da fala de Galileu, a respeito dos usos do cinema em sala de aula, é quando afirma que usar filmes é uma maneira de jogar os alunos para dentro de outro universo relativo ao conteúdo que pretende trabalhar. Neste ponto podemos tecer uma crítica a Galileu, pois sendo o cinema (assim como os textos didáticos ou não), apenas uma representação do passado, a ideia de transportar seus alunos para um período diferente pode lhes parecer que a narrativa existente no filme é a expressão da realidade, que antigamente era exatamente do jeito mostrado na tela. Esta é uma armadilha corriqueira, pois o cinema nos dá a impressão do real, de que o que ocorre nele é a verdade, pois sentimos empatia pelos personagens e suas histórias. Por outro lado as intervenções que Galileu faz ajudam a enriquecer as impressões dos alunos a respeito do período representado. O fato de continuar o trabalho iniciado com o filme, através dos livros didáticos, representa uma semelhança com o método da professora Mirtes. O casamento entre livros didáticos e os filmes parece ser uma escolha recorrente para os professores entrevistados.

Perguntado sobre qual seu procedimento ao avaliar uma aula baseada em um filme, Galileu responde que se utiliza de roteiros para guiar a análise de seus alunos. O uso de roteiros aparece em outras falas e demonstra a preocupação do professor em tratar o filme de maneira orientada. O fato de solicitar um material escrito, denominado por ele como síntese ou relatório, ajuda a potencializar o uso de filmes para o desenvolvimento do ensino de história, uma vez que, há um retorno por escrito dos alunos em relação ao material que assistiram.

Que forma eu utilizo? Eu geralmente faço um roteiro, do que eu vou passar para os alunos, eles já sabem de antemão o que eu pretendo. Vimos, por exemplo, um filme, e depois no final, no ensino médio, fazemos bastante seminários, sobre aquilo ali. Esgota-se com

²⁴ SANTOS, Galileu dos. Op. Cit., 21/06/2012

uma síntese, com um relatório que eles têm que fazer para entregar, é mais ou menos por aí.²⁵

Galileu segue sua descrição a respeito dos usos que faz do cinema em sala de aula e tece uma crítica relativa a fragilidade interpretativa dos alunos com relação a tudo que assistem seja fora ou dentro da escola.

Eles não tem ainda aquele olhar, não foi construído, não sei, passa-se por várias etapas até chegar no ensino fundamental dos anos finais e não foi despertado neles aquele olhar crítico de que eles deveriam olhar o filme a partir de uma visão crítica. O cenário, as imagens a roupa dos personagens, a fala, o modo de agir, de viver, de conviver, eles não percebem bem isso. Olham, ficam com pena da história, veem o filme como quem vê uma novela. Ficam com pena do mocinho, com raiva do bandido, e não estão nem preocupados com o que o autor do filme pretendeu com aquela imagem, com aquele foco de câmera naquele símbolo, com aquele foco naquela determinada paisagem. Eu, pelo menos no ensino médio, procuro trabalhar bem essa questão.²⁶

O sentimento de empatia que os alunos sentem em relação ao filme que assistem nada mais é do que um efeito corriqueiro conhecido como super-representação, que pode ser, particularmente forte em crianças e adolescentes. A super-representação nada mais é do que a sensação de realidade que podemos sentir ao assistir a algum filme seja ele documentário ou ficção²⁷. A observação feita pelo professor na qual os alunos sentem pena do mocinho e raiva do bandido é perfeitamente normal, pois quando se assiste a um filme pela primeira vez, concentrando-se e envolvendo-se afetivamente com a trama e seus personagens, estes sentimentos são possíveis. O professor “não deve temer esse efeito, normal até certo nível e responsável pela experiência sensorial e emocional no cinema. Trata-se de saber lidar com isso, realizando um conjunto de mediações pedagógicas antes e depois do filme.”²⁸.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem.

²⁷ ROSENSTONE, Robert A. **A História nos Filmes. Os Filmes na História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

²⁸ NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

Cinema e ensino de História: impressões sobre formação, rotinas e práticas de professores.

Outro aspecto que vemos na fala de Galileu é a hierarquização que estabelece entre cinema e novela, pois, segundo ele, os alunos prejudicam sua avaliação a respeito de um filme quando o assistem de maneira semelhante a uma novela. Tanto novelas como filmes “históricos” são documentos cuja intenção é a representação de períodos passados, que por vezes, utilizam romances com o intuito de prender a atenção do espectador. O fato de despertarem a super-representação em quem os assiste é algo comum em ambos os documentos.

O professor Giovani, que faz uma pós-graduação sobre cinema, prefere não utilizar com frequência filmes em sala de aula, por compreender nos recortes uma postura agressiva de edição da obra cultural. Os horários na escola em que trabalha não possuem aulas faixas e por este motivo, segundo ele, torna-se pouco viável o uso de longas. Em virtude disso suas escolhas costumam ser os curtas metragens, sejam dramatizados, desenhos animados ou documentários.

O grande problema é a média de duração dos filmes com o tempo de uma aula. A escola tenta não disponibilizar aulas duplas (faixas) nas disciplinas, o que complica o acompanhamento de um filme durante a aula. Seria necessário dividir a exibição de um filme em, sei lá, no mínimo três aulas. Não gosto de editar filme, acho agressivo, daí, a decisão de indicar o filme para que o aluno assista em casa. Sobra, então, passar documentários e curtas, desenhos, só eventualmente um longa.²⁹

Na fala de Giovani aparece uma questão que não apurei em nenhum outro depoimento, a indicação de filmes para que seus alunos assistam em casa. Essas indicações aparecem apenas como dicas extracurriculares não sendo cobradas como atividades obrigatórias geradoras de notas e conceitos, mas demonstram a preocupação que o professor tem com a formação de seus alunos dentro e fora de aula.

Considerações Finais

O que deve cumprir o ensino escolar de História? Tal questionamento deveria nortear desde a seleção curricular nos cursos superiores e nas

²⁹ ALENCAR, Giovani. Entrevista concedida a Lara Rodrigues Pereira em 20/06/2012.

escolas até a prática docente em ambos os espaços. Sabe-se que o ensino da História não é exclusivo da sala de aula: por meio das relações familiares, sociais, por intermédio dos meios de comunicação se aprende e se ensina História. É difícil competir com estes canais de informação que não tem, em muitos casos, comprometimento com os diversos pontos de vista que resultam nas ações humanas no tempo. Uma das prerrogativas do ensino de História, segundo os parâmetros curriculares nacionais, é o preparo dos alunos para a compreensão dos meios de comunicação, dentre eles o cinema, justamente por residirem nestes, boa parte dos subsídios que formarão a maneira como os alunos aprendem, interpretam, enxergam a História. Quando observamos que a complexidade destes recursos foi, durante bom tempo, negligenciada na formação superior, passamos a compreender seus reflexos na educação básica.

A ausência de disciplinas, na graduação, comprometidas com tais recursos acabou por produzir profissionais que, se por um lado percebem estas deficiências, por outro, em certa medida, comprometem-se, na prática diária, a supri-las. Existem diferenças na metodologia empregada por eles ao utilizarem filmes em sala, de acordo com o grupo que entrevistei. Há os que optam por quase nunca fazê-lo em decorrência do curto tempo. Há os que preferem documentários aos de ficção. A maneira como cobram um retorno dos alunos também difere entre eles, sendo que a síntese e questionários são as escolhas mais frequentes, embora em suas falas não apareça a motivação para tais escolhas. Cobra-se retorno dos alunos, pois entende-se que a aprendizagem se concretiza quando estes conseguem reelaborar o que lhes foi ensinado tendo em vista seus conhecimentos prévios e a dinamização promovida neles pela mediação do professor. Em meio a intensidade das rotinas é possível perder de vista estes objetivos conforme pude apurar nos depoimentos coletados.

Dentre os paradigmas que norteiam a formação do Historiador possivelmente o mais representativo é o questionamento das fontes, parâmetro que deveria se estender à prática dos professores de História, já que são Historiadores, mas este traço não é frequente na sua ação docente como pude apurar tendo em vista os entrevistados. Talvez por esse motivo os professores reconheçam nos filmes documentos, mas tenham dificuldades em tratá-los como tal em suas aulas, sendo que os aspectos relativos à história da produção dos filmes, as intenções de seus produtores, roteiristas, diretores e estúdios não figuram entre suas análises e posteriores apresentações aos alunos antes de projetá-los. A despeito das deficiências formativas e dificuldades na prática docente, boa parte dos professores entrevistados busca inserir filmes em suas aulas, reconhecendo o potencial

Cinema e ensino de História: impressões sobre formação, rotinas e práticas de professores.

didático inerente a eles e tentando cumprir, dentre outras metas, os desígnios dos parâmetros curriculares nacionais.